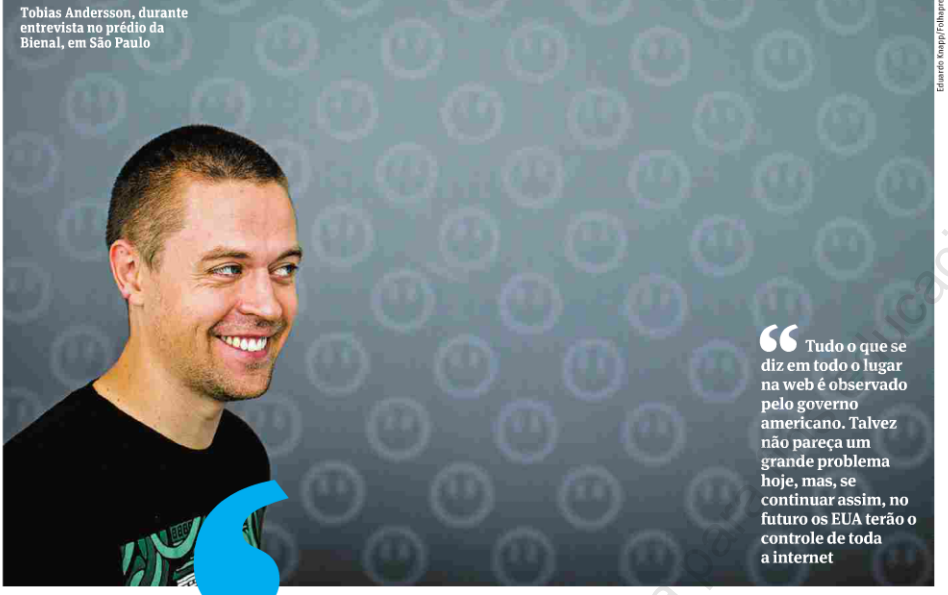

Tobias Andersson, durante entrevista no prédio da Bienal, em São Paulo

Eduardo Knapp/Folhapress

> Tudo o que se diz em todo o lugar na web é observado pelo governo americano. Talvez não pareça um grande problema hoje, mas, se continuar assim, no futuro os EUA terão o controle de toda a internet

RAIO-X
PIRATE BAY

FUNDAÇÃO
2003

PAÍS
Suécia

ATUAÇÃO
Site de compartilhamento de arquivos "torrent", em geral vídeos e músicas

FUNCIONÁRIOS
Cerca de 50, em vários países

TECNOLOGIA
Disponibiliza o protocolo "torrent", que permite que partes do arquivo, baixadas aleatoriamente, sejam reconstituídas ao final

BRASIL
País tem o terceiro maior número de acessos do site, atrás dos EUA e da Suécia

TOBIAS ANDERSSON FUNDADOR DO PIRATE BAY

Facebook deveria ser substituído por outra rede social

COFUNDADOR DE SITE DE TROCA DE ARQUIVOS DIZ QUE EMPRESAS DE INTERNET COOPERAM COM ESPIONAGEM E SÃO AMEAÇA À LIBERDADE

MARIANNA ARAGÃO
DE SÃO PAULO

Cofundador de um dos sites mais longevos e populares da internet, o The Pirate Bay, de compartilhamento de arquivos, Tobias Andersson, 35, acredita que uma nova rede social, "totalmente independente de governos e empresas", possa substituir o Facebook nos próximos anos.

"Eles têm sido muito bons em conectar pessoas, companhias e veículos de comunicação, em um só local", disse o sueco, que esteve nesta semana no Brasil, à **Folha**.

Segundo ele, porém, políticas frágeis de privacidade e a necessidade de monetização do negócio tornaram a rede social uma ameaça à liberdade da internet.

"Adoraria que uma nova empresa, com as mesmas funções do site, porém independente, surgisse nos próximos anos."

Fundado há dez anos, o Pirate Bay tornou-se o maior site de compartilhamento de conteúdo gratuito do mundo.

Com o sucesso, entrou em confronto com gravadoras, que acusaram o site de facilitar a pirataria. Em 2009, três dos fundadores foram condenados na Justiça sueca —um deles permanece preso.

Andersson, que não foi processado, estuda sistemas de informação e prepara um livro sobre a história do site. Leia trechos da entrevista:

★

Folha - Como o The Pirate Bay conseguiu sobreviver e se firmar como o maior site de downloads do mundo?

Quando começamos, achávamos que iríamos durar um ou no máximo dois anos, que foi o tempo de vida de outros sites de compartilhamento, como o Kazaa. Mas continuamos e já temos dez anos.

Isso aconteceu porque decidimos logo que não iríamos desistir diante de problemas técnicos ou ameaças legais. Algumas pessoas que estavam lá eram muito boas em tecnologia e tomaram como questão de honra manter o site no ar.

Outra questão é porque estamos estabelecidos na Suécia, que tem uma legislação relativamente tranquila quanto às questões de propriedade intelectual.

> Acredito que o Pirate Bay deveria acabar. É preciso dar espaço para que surjam outras ideias, que lidem com novos desafios, como a revolução causada pela impressão 3D

O que mudou para o site após as condenações de 2009?

Tivemos de mudar os servidores para fora da Suécia e os fundadores precisaram se afastar: um está preso na Suécia; outro mudou-se para o Vietnã e um terceiro aguarda revisão da sentença.

Mas a internet é grande: não importa se tivermos que mudar de um país para outro, sempre há para onde ir. A computação em nuvem ajudou muito nisso, pois com ela poucas pessoas no mundo sabem de fato onde os servidores estão hospedados.

Qual é o futuro do Pirate Bay?

Acredito que o site deveria fechar pois há novas revoluções ocorrendo, como a provocada pela impressão 3D, e é preciso dar espaço para que outras ideias, que lidem com essa realidade, surjam.

Por estar há dez anos no ar, as pessoas estão confortáveis, pensando que o site sempre estará lá. Se fechasse, alguém sentiria necessidade de construir algo novo.

Serviços de streaming, como o Spotify, diminuíram a relevância da plataforma?

De alguma forma, sim. O Spotify tornou o download menos útil porque é um serviço fácil, em que se encontra quase tudo.

Mas há problemas na plataforma, como a ausência de artistas independentes e o fato de que ela é controlada por grandes gravadoras, como Sony, EMI e Warner. No fim, a maior parte do dinheiro vai para essas empresas.

Como o sr. avalia o crescimento das redes sociais?

Quando o Facebook surgiu, achávamos que iriam ser populares por dois anos, e depois entrariam em declínio —o mesmo que pensamos na criação do Pirate Bay, em 2003. Mas eles têm sido muito bons em conectar as pessoas com empresas, veículos de comunicação.

Há questões problemáticas. Como o caso Snowden mostrou, tudo o que todos dizem em qualquer lugar nesses sites é observado pela NSA (Agência de Segurança Nacional dos EUA).

Talvez não pareça um grande problema hoje, mas, se continuar assim, no futuro o governo dos EUA terá o controle de toda a internet. Adoraria que uma nova empresa surgisse, como o Facebook, todas as suas funções, mas que fosse independente. É hora de substituir o Facebook.

> [As redes sociais] são uma ótima forma de mostrar ao governo e às pessoas no poder o que você pensa. Mas são apenas uma ferramenta, e não a revolução em si. Esta ocorre nas ruas

O sr. acredita que esses sites possam se tornar uma nova forma de organização política, no futuro?

Eles são uma ótima forma de mostrar ao governo o que você pensa. Mas é só uma ferramenta, e não a revolução em si. É como levantar um cartaz em um protesto. A real revolução ocorre nas ruas.

Com o crescimento dos serviços de streaming, a batalha com as gravadoras acabou?

A próxima grande batalha virá em consequência da revolução causada pelas impressoras 3D, que está apenas começando.

Quando pessoas comuns começarem a produzir produtos como carros e eletrônicos, a briga vai ser mais pesada, pois vai ameaçar indústrias poderosas —como a automobilística e a do petróleo— e até países. Quando isso ocorrer, siglas como Sopa (projeto antipirataria dos EUA) se tornarão irrelevantes.

Fonte: Folha de S. Paulo, São Paulo, 6 jul 2013, Mercado B, p. B6.